



## **Mudanças culturais indígenas em território circundado pelo agronegócio: o olhar dos indígenas de Terecatinga, MT**

*Indigenous cultural changes in land surrounded by agribusiness: the look of the indigenous people of Terecatinga, MT*

CHAVES, Monalisa Rocha de Campos<sup>1</sup>; FREITAS, Thyago Munoz<sup>2</sup>; SOARES, Mariana Rosa<sup>3</sup>; MONTANARI-CORREA, Marcia Leopoldina<sup>4</sup>; DEL BEL, Haya<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Mato Grosso, [monalisardcchaves@gmail.com](mailto:monalisardcchaves@gmail.com); <sup>2</sup>Faculdade Faipe, [Thy.munoz@gmail.com](mailto:Thy.munoz@gmail.com); <sup>3</sup>Universidade Federal do Mato Grosso, [enf.marianasoares@gmail.com](mailto:enf.marianasoares@gmail.com); <sup>4</sup>Universidade Federal de Mato Grosso, [marcialmontanari@gmail.com](mailto:marcialmontanari@gmail.com); <sup>5</sup>Universidade Federal do Mato Grosso, [hayadelbel@gmail.com](mailto:hayadelbel@gmail.com).

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo temático: Contra os Agrotóxicos e os Transgênicos**

**Resumo:** O agronegócio tem um impacto significativo na cultura indígena em várias partes do mundo. As comunidades indígenas têm uma ligação profunda com a terra, considerando-a sagrada e fundamental para a sua sobrevivência física e espiritual. No entanto, o crescimento e a expansão do agronegócio têm levado a mudanças drásticas no ambiente natural e nas formas tradicionais de vida indígena. Um dos objetivos da pesquisa foi relatar as percepções da comunidade quanto às mudanças culturais causadas em decorrência do desenvolvimento do agronegócio na região e os impactos na saúde dos novos hábitos. Foi realizada uma pesquisa abordagem metodológica colaborativa sensível e dialógica. Para os indígenas os impactos nocivos da cadeia produtiva do agronegócio são latentes e exacerbados, que perpassam o corpo objeto, influencia e determina novos modos culturais.

**Palavras-chave:** agrotóxicos; agroecologia; cultura; povos originários.

#### **Introdução**

A Terra Indígena (T.I) Terecatinga, localizada no norte do estado de Mato Grosso. Possui uma área de aproximadamente 130.575 hectares cercada pelo agronegócio. O território é delimitado por duas divisas naturais, rios Papagaio e Buriti, que compõem a bacia hidrográfica do rio Juruena e banham a região onde vivem os Povos Nambikwara, Terena, Paresi, Manoki, Rikbaktsa, Xingu e brancos.

Os conflitos entre o agronegócio e as terras indígenas surgem principalmente devido à expansão das fronteiras agrícolas, com a pressão por novas áreas de cultivo e pastagem. Muitas vezes, essas áreas coincidem com terras indígenas demarcadas, como é o caso da T.I, o que leva a conflitos sobre a posse da terra, a degradação ambiental, a violação dos direitos dos povos indígenas, e a perda da identidade cultural.

Preservar a cultura em territórios circundados pelo agronegócio é um problema complexo que envolve questões sociais, econômicas e ambientais. O agronegócio,



caracterizado pela produção em larga escala de *commodities* afeta a dinâmica de sobrevivência dos indígenas (PIGNATI et al., 2017; MONTANARI-CORREA, et al., 2020).

Uma das principais preocupações relacionadas aos impactos é a perda da identidade cultural em decorrências de novos hábitos adquiridos dos brancos. O agronegócio, em sua busca por eficiência e produtividade, se concentra em culturas comerciais de grande escala, como soja, milho, trigo e cana-de-açúcar. Além disso, a produção intensiva leva à degradação ambiental, como a poluição do solo, água e ar devido ao uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes que resulta na falta de diversidade de alimentos saudáveis produzidos na região, fazendo com que recorram aos alimentos industrializados ((PIGNATI e CALHEIROS, 2018; PIGNATI et al., 2017; MONTANARI-CORREA, et al., 2020).

Em decorrência desses impactos e levando em consideração que as culturas indígenas são ricas em tradições, crenças, línguas e práticas que têm evoluído ao longo dos séculos e enfrentado inúmeras mudanças culturais resultantes de influências externas, contato com outras sociedades e processos de globalização, o objetivo da pesquisa é relatar as percepções da comunidade quanto às mudanças culturais causadas em decorrência do desenvolvimento do agronegócio na região e os impactos na saúde.

### **Metodologia**

Trata-se de pesquisa de abordagem metodológica colaborativa sensível e dialógica. É uma abordagem que enfatiza a importância do diálogo, da empatia e da cooperação na realização de projetos e na tomada de decisões coletivas. Essa metodologia valoriza a participação igualitária de todas as partes envolvidas, buscando construir relações de confiança e respeito mútuo. Ao adotar essa abordagem, é possível alcançar resultados mais inclusivos, sustentáveis e socialmente justos (FASANELLO, et al., 2018). Todos os participantes autorizaram o uso de sua imagem e fala para fins acadêmicos.

Foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudos em Ambiente, Saúde e Trabalho / UFMT em parceria com a Operação Amazônia Nativa, no município de Poconé. Consistiu de rodas de conversa, mapeamento participativo em grupos, utilizou-se perguntas referentes à percepção de território e sua relação com a cultura por meio de pintura em tecido indicando limites, aldeias, antes e depois da intervenção do agronegócio e palestras sobre o uso do agrotóxico nas lavouras e seus impactos.

### **Resultados e Discussão**

Os indígenas presentes relataram em consenso que as mudanças geradas no território impactaram no modo cultural deles. A adoção de costumes dos brancos levou ao abandono de práticas tradicionais de caça, pesca, agricultura e coleta de alimentos, somente a anciã planta roça e encontra muita dificuldade devido o ataque de animais selvagens como porco do mato que destroem as plantações deles,



resultando em uma perda de conhecimento ancestral o que é sentido pelos membros mais velhos, sendo motivo de tristeza e lamento, pois enfraquece a conexão das comunidades indígenas com seu ambiente natural e prejudicar sua capacidade de preservar e transmitir suas tradições culturais.

“Estão muitos acomodados [...] A cultura não indígena os índios pegaram com força [...] Como acabou os indígenas! Falo do meu povo Paresí [...] Índio só quer saber de fazer festa de aniversários, aniversário de 15 anos, de não sei quantos anos, faz aniversário assim, coisa que não existia antigamente” (Anciã, 22 de abril de 2022).

[...] não vocês não podem colocar seus artesanatos, vocês não podem pintar suas pinturas, vocês não podem falar suas línguas. Isso é doido, porque é nós, como eu vou deixar de ser eu para falar? O que que eu vou ser se eu deixar de ser isso? O que que eu vou falar? Eu vou ser quem? Nada? Que que eu vou representar? Porque eu não sou branco. Então o que me define como indígena o que me define como mulher são essas práticas (Mulher 1, 22 de abril de 2022).

[...] O que nós queremos para o nosso futuro é empoderar, que as pessoas conheçam a nossa história, conheçam a nossa voz, através da cultura, através do artesanato, através da produção, confecção de artesanato (Mulher 2, 22 de abril de 2022).

[...] Eu, como uma jovem, nunca parei para pensar sobre isso, sobre estas coisas de agrotóxico, só que assim, da minha infância até agora, estou com 22 anos, eu vi muita mudança mesmo em nosso território. Quando eu era criança eu gostava de pegar muita fruta no mato com minha avó, só que agora de um tempo para trás até agora já mudou muita coisa e a gente já foi reparando isso (Mulher 3, 22 de abril de 2022).

Não é para mim que vocês vão lutar, não é por mim que vocês vão lutar, é por vocês, é pelos seus filhos, um dia vocês vão ter seus netos, bisnetos e é por eles que vocês vão lutar (Anciã, 22 de abril de 2022).

Uma ideia assim que a gente pensou, vamos levar os jovens juntamente com a gente, para gente mostrar para eles que a realidade que a gente vê não é só no nosso território, é no mundo afora também (Mulher 1, 22 de abril de 2022).

Além das mudanças culturais, lidam com as contaminações corpóreas e ambientais. De acordo com MONTANARI-CORRÊA, et al., (2020), em termos de análise toxicológica de alimentos e produtos agrícolas coletados nos municípios de Sapezal, Campos de Julio e Campo Novo do Parecis, 63% das amostras de commodities analisadas detectaram a presença de resíduos de agrotóxicos (soja, milho, algodão), 79% dos alimentos coletados continham esses ingredientes, a maioria dos quais não estava autorizada para uso nesta cultura (folhas, cenouras, tomates, pimentões). Dos 40 pesticidas detectados em alimentos e commodities: 11 (27,5%) foram proibidos na União Europeia; e 05 (12,5%) estavam sendo substituídos; 16 (40%) estavam ligados a efeitos cancerígenos (MONTANARI-CORREA, et al., 2020).



Hoje vivem nessa situação. O que é motivo de preocupação porque está cabando com tudo e nois também estamos cabando. Sofremos de depressão, obesismo, pressão alta, diabetes, enfim, porque comia comida natural, sem veneno, sem nada. Tudo conhecido da roça. Nossos filhos, nossos netos eram tudo saudável, hoje não tem mais isso (Anciã, 22 de abril de 2022).

A gente pensa que não está afetando nós, mas está sim afetando nós, eu tenho certeza que nós estamos bem afetados. [...] Vê a aldeia onde eu moro, na aldeia do Vale do Buriti nós estamos bem em um triângulo, rio buriti e a divisa, do outro lado já é a lavoura. Quando passa avião jogando veneno lá do outro lado da lavoura, ele passa em cima de nossa aldeia e volta de novo, desse lado também, ele vem voando de lá e ele vira bem em cima de nossa aldeia. E a gente nunca pensou porque que a gente ficava com dor de cabeça, tontura e diarreia, a gente não sabia. Agora a gente vai estudando, a gente vai vendo, pensando lá na aldeia, eu estou estudando aqui, mas só que eu estou olhando tudo como é que está lá na nossa área. [...] Hoje nós temos crianças deficientes, a mulherada ficou grávida, a maioria abortou os bebês e nois não sabia, porque talvez seja até por causa desse agrotóxico (Mulher 4, 22 de abril de 2022)

[...] Eu vou bastante triste para casa, eu vou sentido com o que foi apresentado aí (em relação a apresentação sobre a contaminação por agrotóxicos). Como a gente falou lá debaixo da árvore (dinâmica de apresentação no primeiro dia), eu lá me apresentei como ar, como árvore, como água, como a lua, o sol para vocês lá, porque? Parece que eu estava prevendo esta apresentação aí. Nosso ar, nossa água, nossas árvores, as coisas do meio ambiente tudo estão contaminadas, sem saber que estava falando nisso e agora eu vou bastante triste para casa. [...] tudo ao redor de nós e nós estamos lá no meio lá, lá no meio esta nossa área, imagina o que que vai acontecer dentro de nossa área (Ancião, 22 de abril de 2022)

Outro estudo realizado por SOARES (2020) evidenciou que nas amostras de sangue e urina de trabalhadores rurais e urbanos (professores) nos municípios de Sapezal, Campos de Júlio e Campo Novo do Parecis detectaram resíduos de Glifosato, Pentacloro, Atrazina, Endosulfan, Heptacloro, Benomil, Trifluralina e Avermectina (SOARES, CORRÊA, PIGNATTI, 2021).

Apesar das influências externas, a comunidade tem lutado para preservar sua cultura. A resistência cultural é uma maneira pela qual os povos indígenas têm mantido suas tradições vivas. Eles têm trabalhado para ensinar os jovens sobre a importância de manter seus modos culturais, preservar suas práticas espirituais, manter a posse de suas terras ancestrais e fortalecer sua identidade coletiva. Além disso, tem buscado o reconhecimento e a proteção de seus direitos culturais e territoriais.

## **Conclusões**

Se os estudos demonstram que os trabalhadores urbanos estão contaminados, pensar na contaminação dos indígenas da T.I que vivem cercados por lavouras do





agronegócio é preocupante devido à sua exposição constante aos pesticidas e os riscos que representam para a saúde e o meio ambiente. Eles inalam, quando pulverizam tem contato dérmico com os produtos químicos o que pode levar a intoxicações agudas ou crônicas. A proximidade dos latifúndios com a T.I. altera os seus meios de produção e de consumo de forma direta ou indireta, seja por meio da contaminação por agrotóxicos nas práticas tradicionais da agricultura indígena, ou pela mudança nos padrões de produção, gerando um impacto social e cultural.

A preservação do plantio agroecológico indígena é essencial não apenas para as próprias comunidades, mas também para a diversidade cultural global, pois têm um conhecimento valioso sobre a preservação do meio ambiente e a coexistência harmoniosa com a natureza. A agricultura familiar indígena é ecológica livre do uso de químicos, voltadas para subsistência, que utiliza técnicas consideradas limpas para o controle de pragas, como a criação de animais em conjunto com as plantações ou produções conjuntas de duas plantas (alimentos) diferentes.

A busca por soluções foi pautada na sustentabilidade ambiental, na preservação cultural e na saúde através da produção local de seus alimentos diversos, a redução da dependência de cadeias de abastecimento globalizadas ao mesmo tempo em que conservam os recursos naturais por meio da construção de uma horta agroecológica e da plantação de algodão orgânico para confecção de redes e vestuários para uso próprio e para a comercialização de modo que promoverá a autonomia e a resiliência garantindo a soberania alimentar.

A convergência da agroecologia com suas práticas agrícolas tradicionais não se refere apenas a um conjunto de técnicas de plantar e preservar o meio ambiente em que vivem, envolve saberes complexos. Os alimentos como mandioca, milho, abóbora são importantes para seus rituais como a festa da Menina-moça (festa da transição da menina para a mulher) para o preparo da chicha que consiste em uma bebida líquida que para os brancos é o suco.

Valorizar e apoiar essas comunidades são fundamentais para garantir a sustentabilidade ambiental e cultural de nosso planeta.

## **Agradecimentos**

Ao Núcleo de Estudos de Estudos Ambientais em Saúde e Trabalho (NEAST) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e aos povos indígenas de Trecatinga/MT.

## **Referências**

FASANELLO, M. T.; NUNES, J. A.; PORTO, M. F. **Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação:** articulando criativamente saberes e sentidos para a



emancipação social. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, v. 12, n. 4, 24 dez. 2018.

MONTANARI-CORREA, M. L.; PIGNATI, W. A.; PIGNATTI, M. G.; LIMA, F. A. N. de S. e; MACHADO, J. M. H. **Alimento ou mercadoria?** Indicadores de autossuficiência alimentar em territórios do agronegócio, Mato Grosso, Brasil. Saúde em debate, Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, out-dez 2019 2020. p. 1070-1083.

PIGNATI, W.A. et al. **Distribuição espacial do uso de agrotóxicos no Brasil:** uma ferramenta para a vigilância em saúde. Ciên & Saúde Coletiva [online]. 2017, vol.22, n.10, p.3281-3293.

PIGNATI, W. A.; CALHEIROS, D. F. **O modelo de (des) envolvimento agrícola em Mato Grosso e os impactos dos agrotóxicos na saúde ambiental e humana.** In: HESS, Sonia Corina (Org.). In: HESS, Sonia Corina (Org.). Ensaio sobre poluição e doenças no Brasil. 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2018. p. 164-188. 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2018.

SOARES, Mariana R.; CORRÊA, Marcia Leopoldina. M.; PIGNATI, Wanderlei A. **Distribuição espacial da mortalidade por câncer infanto-juvenil e do uso de agrotóxicos no Mato Grosso, Brasil.** Cadernos de Agroecologia, Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipev. 15, n. 2, 2020.